

Guilherme Figueiredo

José Roberto do Amaral Lapa

Professor-Titular do Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas
da Unicamp



José Roberto do Amaral Lapa (esquerda) em palestra com o teatrólogo Guilherme Figueiredo, (década de 50).

A morte de um amigo muito querido, interrompendo uma amizade de mais de 40 anos, traz à lembrança, de maneira atropelada, os momentos dos encontros tantos e de alguns desencontros, que assinalaram essa longa caminhada.

Sob a dor de sua ausência, recordo alguns desses momentos, diálogos e

mesmo silêncios, curtidos com a unção do bem-querer.

Conheci Guilherme Figueiredo já escritor consagrado, quando a sua peça maior - *A raposa e as uvas* - foi encenada em nosso Teatro Municipal, num desempenho magistral do ator Sérgio Cardoso, no papel do escravo-filósofo Eso-po. A sua mensagem universal emo-

cionou platéias de várias latitudes, no mundo comunista e no capitalista, em cidades como Moscou, Viena, La Paz, Lisboa, Burgás (Bulgária), Buenos Aires, cidade do México, Lenigrado, Varsóvia, Sófia, Rostok, Madri, Berlim Oriental e outras muitas, levando então o autor, a ir partilhar dessas reações.

Em Campinas, em seguida ao espetáculo, como era costume, a Associação Campineira de Imprensa, que ficava no prédio de esquina da Rua Barão de Jaguara com General Osório, ofereceu um coquetel reunindo o autor, o elenco e os jornalistas. Talvez, o fato de sermos ambos campineiros e mais algumas afinidades intelectuais, fizeram com que a partir daquele encontro até agora, com algumas passagens para mim memoráveis, fosse tecida entre nós uma amizade que nem as distâncias e os silêncios, prolongados além do desejado, conseguiram vencer. Nem mesmo a frustração das nossas vontades de um trabalho conjunto, na verdade nunca concretizadas e que motivaram os desencontros a que me referi, explicitados na sua tentativa de levar-me de Campinas e na minha de trazê-lo de volta... Não dá para especular se foi para o nosso bem ou nosso mal, embora acredite que saímos, pelo nosso temperamento, por uma certa vocação que se sedimentou com os anos, enfim pelo que se esperava de nós, acabou sendo para o nosso bem.

Senão, vejamos como isso se deu. Quando Assis Chateaubriand criou a primeira emissora de TV que

o Rio teve - Televisão Tupi - Guilherme Figueiredo foi escolhido para seu diretor e não demorou em querer levar-me para os estúdios da Urca, o que possivelmente pela minha caipirice acabei não aceitando.

Passados muitos anos, tentei trazê-lo de volta a Campinas. O professor Zeferino Vaz criara o Instituto de Artes na Unicamp e levei-lhe a idéia, estimulada de imediato pelo professor Rogério Cerqueira Leite, de entregar a direção a Guilherme Figueiredo, que entretanto acabou optando pela Reitoria da Uni-Rio, do que entretanto não se perdoava até agora.

Para compensar, registro alguns dos encontros que tivemos, não tantos quanto o desejado, no seu apartamento no Rio ou em minha casa em Campinas ou mesmo em Paris, quando servia como Adido Cultural na Embaixada do Brasil, onde estive com minha mulher Elida, que eram sempre como convém, para resgatar esperanças perdidas, confidências esquecidas, projetos pretendidos. O lugar pouco importava. Lembro-me que em uma dessas ocasiões, no bar à beira da piscina do Copacabana Palace, dissertou e executou a arte de amassar queijo com cerveja, enquanto em outra oportunidade, numa tarefa de Ipanema, surpreendeu o garçom ao dispensar os talheres, para que pudéssemos destrinçar um frango assado no capricho, como se não fosse ele o competente autor de *Comidas, meu santo* (1964).

Acredito ter recebido a maioria dos seus livros, pois tenho comigo

vinte e dois deles, todos com amáveis dedicatórias reiterando a amizade e a saudade, que como *marginalia* trazem uma história de sentimentos e sentidos.

Escritor produtivo e de incrível versatilidade, Guilherme Figueiredo mantinha a mesma qualidade literária e artística em seus romances, contos, poesias, crônicas, ensaios e teatro, para não falarmos no humor e na gastronomia!

Quando publicou *Ração de abandono* (1973), um livro de poemas que reinventam a vida, como considerou Mário da Silva Brito, sem pressentir o tanto que produziria depois, escreveu *...você sabe com que carinho e amizade eu lhe mando este canto de cisne...* Dois anos depois, manda-me de Paris, o seu romance *14 Tilsitt, Paris* (1975), que é como que uma saga da tradicional família campineira, escrevendo *Ao caro JR, este pedaço de saudade de Campinas - que são saudades de você, do seu GF*. Quando reúne em *A lição do guru* (1989) as cartas que Mário de Andrade lhe escrevera entre 1937 e 1945, considera *...aqui vai a melhor lição que aprendi do meu melhor professor e vão por aí as suas mensagens, nas quais invariavelmente Campinas e as saudades são recorrentes.*

Mas foram nas cartas, trocadas nestes anos todos, que ficaram os diálogos de um dos interlocutores mais inteligentes e afetivos que tive. Nelas, os amigos comuns, as andanças, as angústias e perplexidades, as grandes alegrias e emoções eram parti-

lhadas com generosidade.

Em sua última carta, recente ainda, que estava sobre a minha mesa, quando recebi a notícia de sua morte, pois ali a coloquei para lembrar-me de responder, o que faria por estes dias, dada a soma de coisas a dizer, confirma-se o que disse antes.

É que nela, escrevera num longo texto confitente, amargo pelas tristezas e frustrações, pela morte de amigos que lhe eram muito caros, como o editor Ênio Silveira, a pedido de quem estava escrevendo sua autobiografia que já ia em setecentas páginas, o reiterado amor por Campinas e o seu frustrado maior de não ter regressado como queria: *Que bela lição você me deu, meu caro! E que inveja sinto! E que difícil vontade de voltar a Campinas como menino estudante e olhar com olhos virgens a cidade que eu perdi. Foi para mim uma lição: minha terra é aqui, minha gente é aqui, meus sofrimentos deviam ser os de minha gente. Aprendi um tanto tarde; mas o seu estudo me mostrou o que eu devia ter feito em Campinas, como o Jorge Amado na Bahia e o Érico Veríssimo no Rio Grande: escreve-se descalço e de pés no "nosso" chão, os olhos voltados para as nossas lembranças. Tudo isto há de ser repassado, quando eu puder viajar até aí, logo que afaste da biblioteca universitária que criei e onde vivo espanando aqui e ali, na esperança de leitores... De hoje a dois dias vou fazer oitenta e dois anos. Se isto ainda der para viver, você não se livrará de minha visita. E encerra a carta, Abraços*

Comunicações

aos meninões, e um sincero até já, para você, para os amigos campineiros, antes que eles desistam de esperar ou o Padre Nosso desista de nos fazer encontrar.

É isso aí, Guilherme, pois não foi que o Padre Nosso adiou o nosso encontro, que já não será em Campinas, mas em lugar incerto e não sabido! Mas a gente se vê por aí.